



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 1, jan-abr 2014

CAMÕES REVISITADO: (SOBRE *QUE FAREI COM ESTE LIVRO?*, DE JOSÉ SARAMAGO)



CAMÕES REVISITED: (ABOUT *QUE FAREI COM ESTE LIVRO?*, BY JOSÉ SARAMAGO)

Marcio Roberto PEREIRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (FCL, UNESP,
campus de Assis), Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 10/04/2014 • APROVADO EM 20/12/2014

Abstract

The objective of this work is to analyze the literary construction of Camões in the work **Que farei com este livro?**, by José Saramago. By difficulty in publishing his magnum opus, **Os Lusíadas**, Camões traverses the various Portuguese authorities in order to be able to give concreteness to his work years in exile. Using historical aspects and gaps on the biography of Camões, Saramago creates a work that shows the inertia that reigned in Portugal after the great conquests. Work of counterpoint between past and present, **Que farei com este livro?** represents an important reflection on the role of the writer and their challenges in times of decadence.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a construção literária de Camões na obra **Que farei com este livro?**, de José Saramago. Por causa da dificuldade em publicar sua obra máxima, **Os Lusíadas**, Camões percorre as diversas instâncias portuguesas no intuito de conseguir dar concretude ao seu trabalho de anos no exílio. Recorrendo a aspectos históricos e lacunas sobre a biografia de Camões, Saramago cria uma obra que mostra a inércia que reinava em Portugal após as grandes conquistas. Obra de contraponto entre o passado e o presente, **Que farei com este livro?** representa uma importante reflexão sobre o papel do escritor e seus desafios em momentos de decadência.

Entradas para indexação

KEYWORDS: José Saramago. Representation. Portuguese Literature.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago. Representação. Literatura Portuguesa.

Texto integral

ANA DE SÁ: Luís de Camões é pobre. O maior poeta português é pobre, o meu filho quase não tem o que comer. (SARAMAGO, 1998, p. 68).

Que outras lições poderia eu receber de um português que viveu no século XVI que compôs as "Rimas" e as glórias, os naufrágios e os desencantos pátrios de "Os Lusíadas", que foi um génio poético absoluto, o maior da nossa literatura, por muito que isso pese a Fernando Pessoa, que a si mesmo se proclamou como o Super-Camões dela? Nenhuma lição que estivesse à minha medida, nenhuma lição que eu fosse capaz de aprender, salvo a mais simples que me poderia ser oferecida pelo homem Luís Vaz de Camões na sua estreme humanidade, por exemplo, a humildade orgulhosa de um autor que vai chamando a todas as portas à procura de quem esteja disposto a publicar-lhe o livro que escreveu, sofrendo por isso o desprezo dos ignorantes de sangue e de casta, a indiferença desdenhosa de um rei e da sua companhia de poderosos, o escárnio com que desde sempre o mundo tem recebido a visita dos poetas, dos visionários e dos loucos. Ao menos uma vez na vida todos os autores tiveram ou terão de ser Luís de Camões, mesmo se não escreverem as redondilhas de "Sôbolos rios"... Entre fidalgos da corte e censores do Santo Ofício, entre os amores de antanho e as desilusões da velhice prematura, entre a dor de escrever e a alegria de ter escrito, foi a este homem doente que regressa pobre da Índia, aonde muitos só iam para enriquecer, foi a este soldado cego de um olho e golpeado na alma, foi a este sedutor sem fortuna que não voltará nunca mais a perturbar os sentidos das damas do paço, que eu pus a viver no

palco da peça teatro chamada *Que farei com este livro?*, em cujo final ecoa uma outra pergunta, aquela que importa verdadeiramente, aquela que nunca saberemos se alguma vez chegará a ter resposta suficiente: "Que fareis com este livro?". Humildade orgulhosa, foi essa de levar debaixo do braço uma obra-prima e ver-se injustamente enjeitado pelo mundo. Humildade orgulhosa também, e obstinada, esta de querer saber para que irão servir amanhã os livros que andamos a escrever hoje, e logo duvidar que consigam perdurar longamente (até quando?) as razões tranquilizadoras que acaso nos estejam a ser dadas ou que estejamos a dar a nós próprios. Ninguém melhor se engana que quando consente que o enganem os outros [...]. (José Saramago, Discurso de recebimento do Prêmio Nobel, Estocolmo, 7 de Outubro de 1998).

Pouco conhecido historicamente, Luís Vaz de Camões é um dos escritores mais reconstruídos por outros autores. Seja em poesia, como é o caso de José Saramago e Jorge de Sena, ou no romance, como personagem da obra *As naus* (1988), de Lobo Antunes, o poeta português sempre foi um mistério a ser desvendado e, na maioria dos casos, a grandeza da obra *Os Lusíadas* é contraponto para a representação de um Camões sofrido, pobre e injustiçado, que suportou muitas agruras até a publicação de sua obra magna. Obra essa que sobreviveu às águas do mar, em possível naufrágio sofrido por Camões a bordo de um navio que o trazia a Portugal; e sobreviveu ao fogo da Inquisição, ao ser liberado para publicação, depois de passar pelas vistas da censura. A seguinte cena, no Palácio da Inquisição, exemplifica bem esse papel de "colaboração" da censura com o escritor:

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Entrai, senhor Luís de Camões. Cheguei, enfim, ao termo do meu trabalho, e vós ao cabo da vossa impaciência. Tenho já pronto o parecer, de que logo vos mandarei passar traslado, para que possais requerer licença de imprimissão.

LUÍS DE CAMÕES: Dá-se então Vossa Reverença por satisfeita com as alterações que fiz? Não haverá mais que suprimir e acrescentar? Não terei mais que torcer o sentido para o sujeitar ao vosso desejo sem sacrificar insuportavelmente a minha intenção?

FREI BARTOLOMEU FERREIRA: Agradecei a Deus e às circunstâncias não terdes que praticar maior violência sobre a vossa obra. Estais lembrado da nossa primeira conversação [...]. (SARAMAGO, 1998, p. 73).

É toda essa dificuldade, perpassada pela censura da Inquisição, que dará tom à reconstrução proposta por José Saramago na peça *Que farei com este livro?*, em que Camões será visto como um injustiçado a lutar agonicamente contra uma estrutura marcada pela falta de reconhecimento àqueles que escrevem sobre

as glórias de Portugal: além da censura, tem-se na obra o desinteresse de El-rei D. Sebastião:

MIGUEL DIAS: E el-rei vem entrando.

(Entra D. Sebastião, acompanhado da rainha D. Catarina, do cardeal D. Henrique, do padre Luís da Câmara, de Martim da Câmara e mais personagens da corte e do Conselho de Estado. O conde de Vidigueira junta-se ao séquito, em lugar principal. Quando D. Sebastião se aproxima, Luís de Camões adianta-se.)

LUÍS DE CAMÕES: (Pondo um joelho no chão.) Alteza...(Há um movimento de surpresa, um murmúrio, o cortejo para, Martim da Câmara vem à frente). Servi dezassete anos na Índia...

MARTIM DA CÂMARA: Senhor Luís Vaz... (Agitação no séquito da rainha.)

LUÍS DE CAMÕES: Neste livro que aqui vedes tenho escrito os feitos dos vossos antepassados e as navegações dos portugueses, do povo que sois senhor.

MARTIM DA CÂMARA: Senhor Luís Vaz de Camões, afastai-vos, deixai passar Sua Alteza. Estai a importunar el-rei. Como foi que vos atrevestes?

LUÍS DE CAMÕES: Permiti, senhor, que vos leia, e que as ouça a corte, algumas oitavas, estas que não há muitos dias compus, a dedicatória a Vossa Alteza. Sabereis...

(D. Sebastião, que tem ouvido indiferente, avança para o outro lado e retira-se, levando atrás de si todo o séquito, incluindo a figuração que estivera presente desde o princípio da cena. Luís de Camões permanece como estava, com um joelho em terra, segurando os papéis abertos. Não repara que uma mulher, antes de sair, se voltara para trás, a olhá-lo. Põe-se de pé. Parece acordar). (SARAMAGO, 1998, p. 40).

Tal desinteresse marcará a trajetória de Camões por toda a obra e culminará na frase final que dá nome à peça: **Que farei com este livro?**. Situado num contexto em descompasso com suas ideias e anseios, Camões é retratado como um espectro que vagueia por uma corte sem emoção frente a qualquer representação artística ou histórica de Portugal. A figura do rei Dom Sebastião, conforme o fragmento acima, mostra a indiferença que a publicação de um poema épico representa para a corte. Ao dividir a obra em quadros (o que já denota a natureza estática das cenas), Saramago faz uma metáfora da imobilidade de Portugal em contraste às grandes navegações, cujo maior representante é Camões. Herói deslocado, pobre e sem nenhum reconhecimento, nem como soldado, muito menos como poeta, o personagem demonstra os impasses de uma corte desencantada com a realidade. Essa mesma inércia pode ser percebida no poema de Saramago, intitulado “Poema para Luís de Camões”, publicado nas páginas do livro **Provavelmente Alegria**:

A terra basta onde o caminho pára,
Na figura do corpo está a escala do mundo.
Olho cansado as mãos, o meu trabalho,
E sei, se tanto um homem sabe,
As veredas mais fundas da palavra
E do espaço maior que, por trás dela,
São as terras da alma.
E também sei da luz e da memória,
Das correntes do sangue o desafio
Por cima da fronteira e da diferença. (SARAMAGO, 1997, p. 11).

Ao propor a relação de Camões com a corte de Portugal, Saramago retoma a ideia de um poeta injustiçado e sem valor, mendigando a publicação de sua obra máxima, centro do cânone literário português, e em total descompasso com uma sociedade que, passados dezessete anos, ele desconhece. Ao escrever **Os Lusíadas**, pensava numa volta triunfante, mas o que acontece é ficar de joelhos ante o silêncio do rei e o embasbacamento do séquito real. Não imaginava que sua obra poderia ser indiferente aos nobres, desconhecida do povo e remendada pela censura. Como definem Saraiva e Lopes (s/d, p. 170):

O relator do Santo Ofício examinava o livro em manuscrito e obrigava o autor a alterá-lo, amputá-lo ou acrescentá-lo antes de lhe conceder a fórmula “nada contém contra a nossa Santa Fé e bons costumes”. Deste modo, para os livros da segunda metade do século XVI até a reforma pombalina da Censura não podemos afirmar que conhecemos o texto genuíno, mas somente um texto em que colaborou o censor.

Assim, temos a voz débil de Camões, já cansado e esperando uma aposentadoria atrelada à fama de ter escrito a grandiosa história de Portugal, e um rei mudo e indiferente. Esses polos são permeados pela voz do povo, representada principalmente pela mãe de Luís de Camões, Ana de Sá, e pela voz da censura. Não é por acaso que a história de Camões começa e termina, no título e na última linha da peça, com uma provocação que serve para todos os personagens da obra: “o que farei com este livro?”. Para Camões, sua obra seria o símbolo da conquista de um império por parte de Portugal e uma refinada obra de engenho e arte; já para a corte portuguesa o livro não possuiria nenhum valor, porque o país não poderia viver de memórias; e, finalmente, para o impressor da obra seria algo que não atenderia aos anseios de um público leitor. **O que se fazer com este livro?** Observa-se, assim, uma obra de descompassos:

DAMIÃO DE GÓIS: O que trouxestes da Índia, Luís Vaz, foi a história do antigo Portugal, mais a grande navegação. Tudo isso que acrescentastes são casos dos nossos dias de agora, deste tempo que não sabemos para onde Portugal vai.

DIOGO DO COUTO: Vai para um profundo poço.

LUÍS DE CAMÕES: Não irá.

DAMIÃO DE GÓIS: El-rei, se fosse um soberano dado a leituras, haveria de estimar ler as oitavas que lhe dedicais no princípio da obra, as grandes conquistas ali profetizadas. Mas cuido que justamente essas oitavas não agradam ao cardeal D. Henrique, a quem inquietam aventuras. Porém, o mesmo cardeal haverá entendido, não que eu o saiba de ciência certa, mas presumo, haverá o cardeal-infante entendido que exaltando vós os portugueses e a história dos seus reis, boa contrariedade será o vosso livro para as intenções que é dito serem as de D. Catarina, que muito queria aproximar Portugal de Castela.

LUÍS DE CAMÕES: Senhor Damião de Góis, olhai que me perco entre tanto querer e não querer.

DAMIÃO DE GÓIS: Não vos disse eu logo que o vosso livro é barca onde cada qual quer viajar sem companhia?

LUÍS DE CAMÕES: Deixais-me confundido.

DAMIÃO DE GÓIS: Sem dúvida são melhores os caminhos rectos, mas esses não os há na vida das nações nem nos interesses dos paços e dinastias. A vossa obra será publicada, Luís Vaz, mas só quando, claramente, a balança pender para um lado ou para o outro.

LUÍS DE CAMÕES: Porém, o livro não será diferente do que é.

DAMIÃO DE GÓIS: A diferença estará nos olhos que o lerem. E a parte que ficar vencedora fará que seja o livro lido com os olhos que mais lhe convierem.

DIOGO DO COUTO: E a parte vencida, que fará?

DAMIÃO DE GÓIS: Ficaré esperando a sua vez de ler e fazer ler doutra maneira. (SARAMAGO, 1998, p. 54-5).

Camões toma conhecimento que está sem sintonia com sua época e se torna um estrangeiro em sua própria terra ao perceber que sua obra, **Os Lusíadas**, deve servir para uma determinada ideologia (é importante não esquecer que Camões foi utilizado pela ditadura salazarista). É óbvio que a obra de Saramago é construída a partir de seu contexto de leitura, e como bem define Martins (1952, p. 9):

Para o ateu, é ateu; para o republicano, é uma espécie de Catão. O próprio petroleiro será capaz de achar no poeta o seu precursor;

da mesma forma que o erudito descobre um Camões scholar, e o reacionário se acha retratado no amor do trono e do altar. O estouvado cria um Camões brigão; e o pacato e honrado mercador descrevê-lo-á homem de sereno porte, gestos medidos, bom filho, bom esposo, bom pai, econômico, sabendo governar a vida, e capaz de ganhar dinheiro: um gênio!

Assim sendo, há uma equivalência entre o poeta deslocado e os usos e os abusos de seus escritos, pendendo para os vários lados da balança no decorrer da história de Portugal. A figura, portanto, de Camões, é baseada no mistério Camões, e por isso, na história da literatura, é tantas vezes reconstituída por diversos outros escritores. Sua imagem de escritor, homem e soldado desterrado, é construída. A ideia de um homem vítima de seus próprios desenganos, por acreditar demais num Portugal imaginado, fruto das grandes navegações e viagens de conquista, é igualmente elaborada. Essa imagem de aventureiro que encontra seu país depois de muito tempo no exílio e não consegue equilibrá-lo entre o real e o imaginado é o grande mote para Saramago e para outros escritores como Jorge de Sena, Drummond, Sophia de Mello Andressen e Almada Negreiros. Reconstituiu-se uma imagem que, seguindo o pensamento de Fernando Pessoa, torna o mito, que é nada, em tudo. Cria-se o paradoxo de se reconstituir um mito e ao mesmo tempo torná-lo humanizado e, por meio do passado, questionar o presente. Essa reinvenção do passado em descompasso com o presente é explicitada por Lourenço (1999, p. 14):

Contrariamente à lenda, o povo português, ferido como tantos outros por tragédias reais na sua vida coletiva, não é um povo trágico. Está aquém ou além da tragédia. A sua maneira espontânea de se voltar ao passado em geral, e para o seu em particular, não é nostálgica e ainda menos melancólica. É simplesmente saudosa, enraizada com uma tal intensidade no que ama, quer dizer, no que é, que um olhar para o passado no que isso supõe de verdadeiro afastamento de si, uma adesão efetiva ao presente como sua condição, é mais da ordem do sonho do que do real. É esse lugar de sonho, esse lugar ao abrigo do sonho, esse passado-presente, que a “alma portuguesa” não quer abandonar.

A posição de Eduardo Lourenço explicita a criação, por José Saramago, de um Camões já velho e cansado, que buscava na terra natal o equilíbrio que não encontrou em suas aventuras. **Os Lusíadas** seriam uma espécie de redenção do homem que conheceu de perto rota das grandes navegações e que, à margem, reconstrói um império perdido por meio de um canto de exaltação. Talvez por essa razão o silêncio de Dom Sebastião seja mais emblemático que a voz de Camões na peça de teatro, e em contraponto tem-se a quase paralisia de el-rei em contraste com as idas e vindas do poeta na busca de uma autorização para a publicação de sua obra. Essa inconstância também é marca de **Os Lusíadas**, conforme as estrofes abaixo, que compõem o Canto I:

Oh! Grandes e gravíssimos perigos,
Oh! Caminho da vida nunca certo,
Que, aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!
[...]
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno? (CAMÕES, s/d, p. 34).

No teatro de Saramago, a representação de Camões corrobora esse intenso paradoxo que permeou toda a trajetória (seja ela ficcional ou real) do poeta, do homem e do soldado que busca uma terra de aventuras e cantando seu país, ao voltar, encontra-o tomado pela inércia e pela decadência. Assim sendo, pode-se compreender que ao reconstituir a figura de Camões num drama de poucos acontecimentos, mas de muita reflexão, José Saramago reacende o debate sobre o caráter português e suas contradições. Como afirma Sena (1961, p. 12):

Sempre entendi a poesia, cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando, não apenas de outros mundos simultânea e idealmente possíveis, mas, principalmente, de outros que a nossa vontade de dignidade humana deseja convocar a que o sejam de facto.

Tais palavras podem ilustrar a poesia de Camões e também o teatro de Saramago. Além disso, mostram que apesar de parecer, às vezes, irrelevante e sem função, a literatura pode nos libertar da cegueira. Ou como afirma Diogo de Couto a Camões: “Os melhores sonhos são os que se fazem com os olhos abertos, não os da cegueira” (SARAMAGO, 1998, p. 54-5).

Referências

BARROS, João de. **Os Lusíadas** – contados às crianças e lembrados ao povo. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1998.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. 4. ed. Porto: Porto Editora, s. d.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da Saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARTINS, Oliveira. **Camões: Os Lusíadas e a Renascença em Portugal**. Lisboa: Guimarães & Cia. Editores, 1952.

NETTO, José Paulo. **Portugal: do Fascismo à Revolução**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

PIRES, José Cardoso. **Cartilha do Marialva ou das Navegações Libertinas**. Lisboa: Ulisseia, 1967.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 4. ed. corrigida, s/d.

SARAMAGO, José. **Que Farei com este Livro?** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Provavelmente alegria**. Lisboa: Caminho, 1997.

SENA, Jorge de. **Poesia I**. Lisboa: Círculo de Poesia / Morais, 1961.

Para citar este artigo

PEREIRA, Marcio Roberto. Camões revisitado: (sobre *Que farei com este livro?*, de José Saramago). **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 1, p. 145-153, jan.-abr. 2014.

O autor

Marcio Roberto Pereira é docente do Departamento de Literatura da UNESP – Universidade Estadual Paulista, *campus* de Assis. Doutor em Letras pela UNESP/Assis e Pós-doutorado em Literatura pela UNESP/Araraquara.